

Marie Langer no México: Sua intenção formativa e sua prática

Estudei na Faculdade de Psicologia da Universidade Nacional Autónoma do México (Unam) ali pelos anos 1970, quando a orientação teórica de quase todas as disciplinas dessa escola se baseava no behaviorismo de Watson e Pavlov ou na neuropsicologia, o que deixou os psicólogos sem uma verdadeira formação profissional para exercer suas carreiras. Além de reduzir a psicologia a uma grande pobreza teórica e prática, o trabalho com ratos em laboratório substituiu a entrevista clínica e o trabalho direto com pacientes.

Por acaso cheguei a minhas mãos um livro de Marie Langer, *Maternidad y sexo* (1951), e isso reorientou completamente meus estudos. Essa obra é uma clássica contribuição ao complexo problema da psicologia da mulher. Na época, me pareceu um livro extraordinário e, a despeito das críticas que podem ser feitas a ele hoje, ainda acredito que foi uma ferramenta valiosa para pensar não só a psicanálise, mas também a feminilidade, tema que sempre interessou Mimí.¹

Marie Langer nasceu em 1910, a segunda de duas filhas de uma família da alta burguesia judia. Graduada em medicina, realizou a formação psicanalítica em Viena. Apesar da proibição da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) de atuar politicamente, quando Hitler subiu ao poder ela se filiou ao Partido Comunista e, depois, sentiu que devia fazer parte da Brigadas Internacionais que lutavam na guerra contra Franco, na Espanha. Para mim, essas ações mostram não só uma convicção política dogmática, mas também o desejo de mudar uma situação infernal que ameaçava destruir toda a civilização. Marie Langer chegou à Argentina em meio à Segunda Guerra Mundial; agora sabemos que, ante a proibição de atuar politicamente durante sua formação psicanalítica, ela continuou com suas atividades políticas, pedindo discricção a Richard Sterba.

Na América do Sul, tentou morar primeiro no Uruguai; depois, foi para a Argentina, onde encontrou um país de imigrantes que a fascinou. A Argentina é um país singular, formado por exilados e desterrados. Diferentemente do que houve no México – que enfrentou uma sangrenta conquista por parte dos espanhóis e depois se tornou uma fusão étnica em que se amalgamaram as duas culturas, até constituir uma mestiçagem que não deixa de causar admiração tanto ao mestiço quanto ao estrangeiro, conferindo a ela um lugar privilegiado –, os estrangeiros que chegaram à terra austral aniquilaram quase todo vestígio de civilização nativa.

É fato que não encontraram nem a resistência nem o grau de desenvolvimento cultural que havia no México, mas também destruíram o que existia para semear uma cultura europeia formada predominantemente por imigrantes italianos e espanhóis – além de franceses, alemães, in-

gleses e sírios. No fim do século XIX, houve uma forte corrente migratória de judeus proveniente da Europa Oriental. Pode-se dizer que a única coisa que adotaram da terra austral foi o mate, e nada mais.

Uma geração depois, muitos filhos desses imigrantes foram para a universidade. Como a sociedade argentina se mostrou relativamente aberta e socialmente progressista, nos primeiros dois terços do século XX houve espaço para uma classe média em ascensão e uma cidade glamorosa como Buenos Aires.

Segundo Fanny Blanck-Cerejido (2002), as circunstâncias político-sociais propiciaram a criação de instituições em que se impunham os ideais e a visão de mundo de uma sociedade cosmopolita em ascensão. A atividade intelectual e científica foi intensa e Buenos Aires se converteu num polo acadêmico importante, cujo ápice se deu por volta de 1955-1960.

A Associação Psicanalítica Argentina (APA) original foi fundada em 15 de dezembro de 1942 por Ángel Garma, exilado espanhol e membro do Instituto Psicanalítico de Berlim; Celes Ernesto Cárcamo, médico psiquiatra e homeopata argentino formado em Paris; e Marie Langer, exilada vienense. Depois se juntaram a eles Guillermo Ferrari Hardoy, Enrique Pichon-Rivière e Arnaldo Rascofsky. A psicanálise foi impregnando a cultura, a educação, a pediatria, a cardiologia, e chegou a ser um elemento muito presente nas formas de pensar e viver de um amplo grupo social.

Eu conheci Marie Langer, que foi minha professora e supervisora. Analisando de Richard Sterba, pertencia à terceira geração de analistas e, pela idade avançada de Freud, já não teve contato com ele. Ela chegou ao México nos anos 1970, fugindo de um sangrento golpe de Estado que impôs uma perseguição política implacável às pessoas de esquerda, quando ainda havia grande diferença entre esquerda e direita no espectro político. Era inteligente e generosa e tinha um dom para lidar com as pessoas que não vi igual em nosso meio. Amava a Argentina e os argentinos porque a haviam acolhido depois da Guerra Civil Espanhola.

Quando foi diagnosticado o câncer incurável que lhe tiraria a vida, ela decidiu retornar à Argentina, mas não sem antes escrever, com o apoio de Guinsberg e Palacio, sua biografia (Langer et al., 1981) e deixar sua marca analítica em muitos de minha geração. Durante 29 anos participou da IPA como analista didata. Por volta de 1971 se juntou a outros colegas de esquerda na Plataforma Internacional, organização que propunha questionar a verticalidade e o alto custo da formação e da prática psicanalítica ofertadas pela IPA e pelas sociedades ligadas a ela. Pouco depois, com um numeroso grupo de analistas, se filiou à Federação Argentina de Psiquiatras (FAP), a qual reunia os psiquiatras mais progressistas, que trabalhavam em três níveis: o corporativo, o científico e o político. Sua participação e sua atividade na Plataforma e na FAP causaram, no mesmo ano de 1971, conflitos com a APA, o que a levou, junto com outro grupo afim (Documento), à inevitável ruptura com a IPA (Ponza, 2011). Após participar do Congresso Internacional de Psicanálise em Viena (1971), Langer abandonou a APA e a IPA, o que representou um passo muito importante política e pessoalmente. Entre outras coisas, demonstrava que um analista podia prescindir da instituição sem deixar de ser analista. Nesse congresso, apresentou um trabalho, muito comentado, com o título “Psicoanálisis y/o revolución social” (Langer, 1971a).²

Marie Langer participou da fundação da APA, onde atuou em diversos cargos diretivos e fez contribuições significativas. Publicou livros brilhantes, entre os quais *Fantasías eternas a la luz del psicoanálisis* (Langer, 1957). Em colaboração com L. Grinberg e E. Ro-

* Sociedad Freudiana de la Ciudad de México.

1 N. do T.: Mimí era o apelido de Marie Langer.

2 Armando Bauleo (2003) faz uma crônica desse texto.

drigué, escreveu três importantes obras: *Psicoterapia del grupo: su enfoque psicoanalítico* (Grinberg et al., 1957), *El grupo psicológico: en la terapéutica, enseñanza e investigación* (Grinberg et al., 1959) e *Psicoanálisis en las Américas: el proceso analítico, transferencia y contratransferencia* (Grinberg et al., 1968). Com Bleger e outros autores, publicou textos sobre psicossomática, e com Goligorsky, o texto *Ciencia ficción: realidad y psicoanálisis* (Goligorsky & Langer 1969).

Nos anos 1970 (Blanck-Cerejido, 2002), chegaram ao México analistas argentinos fugindo da feroz ditadura instalada em seu país – além de Marie Langer, Ignacio Maldonado, Miguel Matrajt, Armando Bauleo, Enrique Guinsberg, boa parte deles exercendo sua prática fora dos canais institucionais regulados pela IPA. O fato de terem adotado atitudes muito críticas quanto à formação e à estrutura institucional os levou a tomar seu próprio caminho, posicionamento delineado em dois livros, intitulados *Cuestionamos* (Langer, 1971b) e *Cuestionamos 2* (Langer, 1973). O primeiro contava com textos de Juan Carlos Plá, Marcelo Viñar, Eduardo Pavlovsky, José Rafael Paz e da própria Marie Langer. O segundo, também organizado por ela, incluía textos de Armando Bauleo, Diego García Reynoso, Marcelo Pasternac, Néstor Braunstein, Juan Carlos Volnovich, entre outros. Deve-se notar que a vontade de Mimí de questionar a instituição da qual queria se desligar era tamanha, que aceitou nessas críticas trabalhos de autores que não haviam passado pela IPA e aos quais ela mesma não apoiou em projetos posteriores, porque sempre foi muito fiel a suas convicções sobre o que era e o que não era psicanálise.

Por meio de dois professores argentinos – sendo eu muito jovem, com cerca de 25 anos – me aproximei do grupo de supervisão do doutorado em psicologia, e Marie Langer se mostrou uma pessoa receptiva, afetuosa, sem impor nenhuma barreira, o que agradeço muito, porque até então eu havia tido pouca sorte com instituições psicanalíticas. Cheguei alguns minutos antes daqueles que mais tarde seriam meus companheiros (um deles, de fato, continua sendo meu amigo depois de 40 anos), e assim tive a oportunidade de conversar a sós com ela. Me perguntou por que a psicanálise me interessava e lhe respondi que estava terminando de ler as obras de Freud e que tinha lido seu livro sobre maternidade e sexo. Ela ficou surpresa e disse que era um livro que deveria ser reescrito, que cada vez a interessava menos. Observou que os anticoncepcionais não foram os únicos responsáveis pela mudança na situação da mulher – também foi muito importante a experiência da Primeira e da Segunda Guerra Mundial. Antes se tentava manter a mulher em casa, cuidando dos filhos. Em face da situação de emergência representada pela guerra, as mulheres tiveram que se incorporar ao processo de produção, tanto em cargos de baixo nível hierárquico quanto em cargos diretos, pois os homens estavam se dedicando às atividades bélicas. Esse fato possibilitou que as mulheres exercessem atividades antes consideradas exclusivamente masculinas e que os homens nunca lhes teriam permitido realizar. Contudo, elas executavam tais atividades com muita eficácia, o que deu grande impulso aos movimentos feministas gestados no século XIX e a todas as demandas das mulheres por igualdade de direitos na educação, no trabalho etc. No momento em que a mulher entra no processo produtivo – não com os mesmos direitos que o homem, porque ainda não eram concedidos a ela –, sua psicologia muda, e já não podemos mais falar da mulher e da mãe tradicional. Tudo mudou.

Fiquei atônito, sem saber direito como responder. Depois, meus companheiros chegaram e começou o ateliê clínico [*ateneo clínico*] realizado uma vez por semana. Anos mais tarde, entendi melhor suas palavras, pois no texto original ela enfatiza muito a definição da mulher a partir de sua biologia como mãe.



Sophie Calle
Le régime chromatique | The chromatic diet, 1997
Photographer: Claire Dorn
© Sophie Calle / ADAGP, Paris 2023. Courtesy Perrotin

Tempos depois, durante uma conversa, ela me dizia que somos seres biopsicossociais, e que o psicológico resulta do biológico (até meados do século, considerado imutável) e do social (eminentemente mutável). É claro que existe diferença – psicologicamente falando – entre homens e mulheres, mas essa diferença se devia em grande parte a fatores sociais, já que vivíamos numa sociedade patriarcal. Não deixava de levar em conta a possível existência de uma comunidade indígena em que ainda houvesse um tipo de sociedade matriarcal, o que implicaria outros tipos de diferença psicossocial entre homens e mulheres. Segundo ela, vivíamos numa sociedade que fixava uma grande diferença entre os sexos para determinar, sobretudo, o papel que deviam desempenhar. No entanto, estava ciente de que, precisamente no século XX, o papel da mulher havia mudado muitíssimo, inclusive no plano biológico, pois a generalização do uso de métodos contraceptivos femininos reposicionou a mulher na sociedade. Em geral, os anticoncepcionais permitiriam à mulher decidir se quer ser mãe e se quer desfrutar de uma liberação sexual sem par na história.

O ateliê clínico acontecia de forma muito simples: da maneira mais livre, por vontade dos participantes, um deles era escolhido para apresentar um caso clínico. Eram casos de pacientes tratados gratuitamente na Clínica San Rafael. Todo tipo de paciente era enviado a essa clínica, e Mimí sempre insistia na ideia de que o mais importante de nosso trabalho era aprender a escutar, não dar conselhos, nem guiar a vida daqueles que nos procuravam. Fiquei cerca de quatro anos nesse ambiente, que formou meu modo de trabalhar mais tarde.

Mimí não tinha muita afinidade com os trabalhos de Lacan, os quais também questionavam a IPA na época. Ela acreditava que o paciente devia receber de 45 a 50 minutos de tratamento por sessão, e que muitas mudanças introduzidas por Lacan não eram de todo compreensíveis. Por isso, a anedota que contarei a seguir parecerá estranha.

Um de meus primeiros pacientes, ao chegar a meu primeiro consultório, me cumprimentava, se deitava no divã e dormia a sessão toda. Comecei a fazer supervisão individualmente com Mimí. Quando lhe contei a situação, ela me disse (não sem antes dar uma gargalhada): “Julio, mas se você é lacaniano!”, referindo-se ao fato de, naquela época, eu estar bastante interessado em Lacan e sua obra. Ela insistiu: “Na próxima sessão, quando ele dormir, acorde-o e mande-o embora do consultório. Se ele reclamar, diga que a culpa é dele, por dormir no tempo em que deveria estar falando”. Na sessão seguinte, o paciente chegou muito bravo, reclamando que eu não tinha me mantido à escuta durante toda a sessão. Disse a ele que não havia nada a escutar, porque ele estava dormindo. Essa intervenção o deixou surpreso. A partir desse momento, não voltou a dormir e começou a associar livremente.

A intervenção de Mimí foi precisa para esse caso clínico, e mais tarde me fez perceber que ela lia autores de várias vertentes e tirava suas próprias conclusões. Seu trabalho demonstrava que a psicanálise não é um dogma nem uma religião, mas principalmente uma prática terapêutica.

Segui meu trabalho, individual e coletivamente, com ela. Em seus últimos anos no México, ela esteve muito ligada a Cuba e à Revolução Sandinista, lutando, com a esperança de mudança social. Ela sempre se envolveu bastante na formação de analistas dentro do México, fora dos canais institucionais. Não sei bem quais foram os desdobramentos de sua preocupação em não participar de instituições mais formais. Pessoalmente, procurei me reintegrar à IPA e à Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal), mas sei que alguns colegas desprezam essas opções e transmitem tais ideias a seus alunos.

Algum tempo depois de nos conhecermos, ela me escreveu esta dedicatória em sua autobiografia: “Para Julio, que será um grande analista. Afetuosamente, Marie Langer”. Nós dois estávamos tão emocionados nesse dia que ela não pôs data nenhuma, o que faz com que meu desejo de ser um grande analista continue presente, sem ter chegado ainda a data final.

O seminário de supervisão coletivo era simples, mas havia quem mentisse sobre seu trabalho clínico. Percebi isso porque participava de outro grupo de supervisão em que apareciam os mesmos casos. Num caso específico me atrevi a confrontar o apresentador e dizer a ele que estava mentindo, que já havia exposto esse caso de outra maneira com outro supervisor. Talvez ele achasse que, devido a minha idade, Mimí não fosse levar a sério meus argumentos, mas ela o interpelou de maneira muito clara, pedindo que mudasse o estilo de apresentação e o caso.

Seu trabalho de supervisão comigo não passou – em termos gerais – por indicações diretas, o que não quer dizer que não tivesse em mente que esse tipo de intervenção é muitas vezes necessário.

Com outro paciente, que tinha uma série de obsessões sexuais e que mantinha relações com qualquer mulher que encontrasse e em qualquer lugar, fui colocado diante do problema do que eu poderia fazer a respeito desse passatempo angustiante, pois as histórias desse homem lhe causavam prazer e angústia. Ela me disse: “Nesses relatos, o paciente tenta te arrastar para o inferno dele. É preciso tomar distância disso para que o tratamento funcione”. Sua intervenção me fez perceber que todas essas mulheres eram avatares da mãe do paciente – que a intensa atividade sexual dele era um modo de estar curvado diante de uma monstruosa deusa edípica inigualável. Isso me fez mudar minha posição de escuta e meus modos de intervenção, pois eu estava muito preso à superfície de seus relatos, sem saber ao certo o que fazer com eles. Pouco a pouco, sem pressa, ele começou a falar de outra mulher, que não tinha aparecido em seu discurso. Uma moça simples, que ele não tinha considerado bela o suficiente para ser seu par e competir com as outras, nem para ser apresentada a minha escuta, mas com a qual tinha uma boa relação de amizade. De vez em quando, faziam sexo, sem que fosse algo espetacular. Com o tempo, ela foi ganhando importância e se tornou sua mulher definitiva. Ainda me lembro de sua última sessão, à qual compareceu com uma garotinha de 2 anos, muito feliz, mudado por completo. Trazia no bolso um calmante, que conservava habitualmente, pensando que podia ter de novo algum ataque de ansiedade. Ele me perguntou se poderia entrar em contato comigo na nova cidade em que eu viveria – o que não fez.

Referências

- Bauleo, A. (2003). Relectura de “Psicoanálisis y la revolución social”. *Área 3: Cuadernos de Temas Grupales e Institucionales*. <https://bit.ly/3iW17Wh>
- Blanck-Cerejido, F. (2002). El exilio de los psicoanalistas argentinos en México. *Psicoanálisis*, 24(1-2), 197-216.
- Goligorsky, E. & Langer, M. (1969). *Ciencia ficción: realidad y psicoanálisis*. Paidós.
- Grinberg, L., Langer, M. & Rodrigué, E. (1957). *Psicoterapia del grupo: su enfoque psicoanalítico*. Paidós.
- Grinberg, L., Langer, M. & Rodrigué, E. (1959). *El grupo psicológico: en la terapéutica, enseñanza e investigación*. Nova.
- Grinberg, L., Langer, M. & Rodrigué, E. (1968). *Psicoanálisis en las Américas: el proceso analítico, transferencia y contra-transferencia*. Paidós.
- Langer, M. (1951). *Maternidad y sexo: estudio psicoanalítico y psicosomático*. Nova.
- Langer, M. (1957). *Fantasías eternas a la luz del psicoanálisis*. Nova.
- Langer, M. (1971a). Psicoanálisis y/o revolución social. Em M. Langer (comp.), *Cuestionamos*. Granica.
- Langer, M. (comp.). (1971b). *Cuestionamos*. Granica.
- Langer, M. (comp.). (1973). *Cuestionamos 2*. Granica.
- Langer, M., Palacio, J. del & Guinsberg, E. (1981). *Memoria, historia y diálogo psicoanalítico*. Folios.
- Ponza, P. (2011). Psicoanálisis, política y cultura en la Argentina de los sesenta. *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*, 11. <https://bit.ly/3FkWrhz>

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte